

A utilização de atletas como modelo de ideal humano: Revisão de literatura

Marcos Vinicius Tavares Correia¹

Alisson de Oliveira Silva²

RESUMO: Atletas olímpicos são figuras de grande admiração, pessoas de todo o mundo utilizam-se dessas figuras como fonte de inspiração. A admiração das pessoas sobre esses atletas é intensamente explorada pelo *marketing* esportivo, as grandes massas tem vontade de parecer com os atletas, e procuram por esse biótipo específico, logo é importante realizar uma discussão sobre o que está por trás da filosofia de superar limitações que as olimpíadas trazem, e quais as reais consequências que esses jogos internacionais teriam sobre a população de um modo geral. Nosso trabalho teve a intenção de responder à problemática se a exploração da imagem do atleta olímpico estaria fomentando uma cultura eugênica na população. Para ratificar ou contestar as nossas hipóteses foi realizada uma pesquisa na forma de documentação indireta com estudo bibliográfico em livros, artigos, meios de informação periódica e internet, que foram confrontadas em uma discussão de dados. Nossa pesquisa concluiu que há estudos reveladores sobre o alto investimento financeiro de empresas em atletas de ponta. Porém, é necessário mais pesquisas para responder de forma segura se há projeção da população sobre a imagem dos atletas, que possa fomentar uma cultura eugênica, dessa forma fazendo com que a população anua às mudanças ofertadas pela biotecnologia.

Palavras-chave: atleta olímpico, biotecnologia, cultura eugênica.

1 Aluno do 2AN da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Educador Físico formado pela FEFISA – Faculdades Integradas de Santo André. Professor titular da Prefeitura Municipal de São Paulo. Possui trabalho apresentado no Congresso de Ciência do Esporte da Universidade Metodista de São Paulo. Aluno na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.

2 Aluno do 2AN da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Estagiário da AGU – Advocacia Geral da União em Santo André especializada em Previdência Social. Possui curso de especialização Tecnológica e Administrativa pela escola Eurodata. Aluno na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.

INTRODUÇÃO

Atletas olímpicos são figuras de grande admiração, nas quais todos se projetam como fonte de inspiração.

Países e empresas os utilizam como meio para atingir alguns fins, como demonstrar sua superioridade ou para venda de produtos. O reflexo dessa postura sobre os atletas é a constante procura para melhorar os rendimentos e desempenho em mega eventos como as olimpíadas. Às vezes por meio de anabolizantes e até mesmo à procura de talentos com biótipo específico dentro de programas esportivos infantis. “Tal atitude pode fomentar um ideal de eugenia onde apenas um tipo específico de ser humano pode ser o meio para atingir os objetivos olímpicos”, o que tangencia o problema do ser humano visto como meio para atingir certo fim.

A admiração das pessoas por esses atletas é intensamente explorada pelo *marketing* esportivo, portanto, as grandes massas têm vontade de se parecer com os atletas, e procuram por esse biótipo específico. Por isso, é importante realizar uma discussão sobre o que está escondido atrás da filosofia olímpica de superar limitações humanas, e que impactos os jogos olímpicos trariam sobre nossas reflexões a respeito das características, finalidades e limitações humanas.

Nosso objetivo nesse artigo é refletir sobre a possibilidade de que a atitude tomada pelos países de evidenciar o alto rendimento dentro do esporte olímpico irá gerar uma cultura de valorização de apenas um biótipo humano, em detrimento de outros. Nosso objetivo suplementar é descrever como são vistos e empregados os atletas para tais fins.

Abordaremos a concepção eugênica de corpo humano que os jogos olímpicos e o desempenho dos esportistas fomentam sobre a população que os assiste.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 JOGOS OLÍMPICOS

Na antiguidade, os jogos olímpicos tinham como principal função trazer à paz e harmonia às cidades-estados que compunham a civilização grega.

Entretanto, Proni (2008) afirma que, no cenário atual, foi-se observando - uma tendência à influência do capitalismo sob a organização dos jogos olímpicos, de forma tão abrangente, que chega a alterar as regras de algumas práticas. Dentre as mudanças mais explícitas, está a transformação do esporte de alto nível em atividade profissional para satisfazer à indústria do entretenimento.

A primeira relação da propaganda com as olimpíadas surgiu em Paris - 1924 e Amsterdã - 1928. Em 1960 em Roma, o *marketing* foi intensificado graças à divulgação por meio televisivo. Essa forma de expressão gerou um grandioso interesse das empresas privadas em explorar os ideais olímpicos. O trecho abaixo explica bem o que o autor afirma:

Os Jogos atuais são organizados por gestores profissionais especializados em planejamento e marketing. [...] as imagens do espetáculo são produzidas e simultaneamente transmitidas para todos os continentes; os campeões fazem o papel de garotos propaganda e os espectadores são tratados como consumidores; os custos operacionais do megaevento são bancados por empresas multina-

cionais; dezenas de cidades pretendem formalizar suas candidaturas para disputar ferrenhamente o direito de sediar os Jogos na próxima década. (PRONI, 2008, p. 3).

Não podendo ficar indiferentes a esse fenômeno, os responsáveis pelo comitê olímpico revisaram a carta olímpica, em 1991, preocupada em compatibilizar a crescente importância do marketing com a manutenção da imagem socialmente construída das olimpíadas, portanto a comercialização das olimpíadas e a profissionalização dos atletas foram mudanças inevitáveis e incontestáveis.

A forma que os organizadores encontraram de tornar o evento grandioso e possuir os atletas de ponta foi a publicidade comercial. Por meio do patrocínio aos esportistas, o que fazia com que os jogos dependessem cada vez mais dos interesses do grande capital.

De acordo com Contador; Guarnieri; e Silva (2004) a partir de 1896, com a volta dos jogos olímpicos da era moderna, são investidos novos valores na sociedade. Os atletas olímpicos passaram a representar a noção da vitória e do triunfo como o resultado do esforço, dos grandes sacrifícios, da disciplina e do empenho nos treinamentos, ideais esses que despertam o interesse das empresas, consequentemente, fazendo do atleta um excelente instrumento de venda.

Na atualidade, com a globalização, a imagem do atleta ganha lugar de destaque mundial, pois para a mídia, a imagem possui maior importância que a descrição verbal ou escrita. Portanto, os meios de comunicação usam a imagem do atleta, ampliando a influência dos produtos ou empresas a ele associados.

Os contratos de patrocínio são realizados para utilização da imagem corporal do atleta, associando este aos valores positivos de saúde, garra e vitória que o produto ou empresa deseja passar para seu público em potencial, criando a imagem de um herói moderno, tornando-o alvo de projeção de grande parcela de crianças, jovens e de qualquer pessoa que possa ser atingida pela influência da mídia e do marketing esportivo.

Contador; Guarnieri; Silva (2004, apud Ferreira & Costa, 2002. P.433), ensinam que:

Atletas em suas mais diferentes atividades, com seus corpos-emblemas, seduzem e vendem os mais variados produtos. O resultado do esforço, dos grandes sacrifícios, da disciplina, dos empenhos nos treinamentos faz daqueles corpos, mercadorias *premium*, alvos de investidores e/ou de especuladores.

1.2 RECRUTAMENTO DE ATLETAS OLÍMPICOS

De acordo com Valle (2003), o esporte moderno não é mais apenas uma competição, se tornou um espetáculo não somente entre os competidores, mas entre laboratórios e empresas que patrocinam as competições.

Para Rúbio (2001) esta etapa dos jogos denomina-se pós-olimpismo, pois aboli o amadorismo e adéqua as olimpíadas às necessidades dos patrocinadores, alterando o espaço comercial e criando novas regulamentações.

O que está em consonância com a afirmação de Proni (2008), que a carta olímpica deve de ser alterada para compatibilizar a crescente importância do *marketing*, com

manutenção dos ideais de olimpismo³.

Portanto, já não é mais sedutor recrutar atletas para dedicarem-se ao esporte de alto rendimento somente como o apelo de representar o país, mas o esporte deve recompensá-los financeiramente de modo a lhes proporcionar acesso a outros prazeres (VALLE, 2003, p. 42).

Para Rúbio (2000), criou-se uma sistematização de testes psicológicos que buscavam aferir inteligência, comportamento, personalidade e outros temas considerados importantes à psicologia esportiva. Rúbio, ainda afirma que houve uma transposição da teoria e da técnica da psicologia para o esporte, para aplicação de avaliações de construção de perfis, ou para utilização de técnicas de intervenção para a maximização do rendimento esportivo.

De acordo com Ucha (2011) os estudos da psicologia acerca do esporte infantil e juvenil, têm início em países como Estados Unidos, Rússia e Alemanha, em fins do século XIX, e na União Soviética por volta de 1920.

O autor revela que:

Nos anos 70 e 80 os psicólogos do esporte continuaram o aperfeiçoamento dos procedimentos da preparação psicológica dos atletas de alto rendimento, a seleção de talentos, a psicologia do esporte infantil e juvenil e a recuperação do desportista.

3 A Carta Olímpica apresenta o conceito de Olimpismo no Princípio Fundamental nº 2 enquanto “uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, espírito e mente, combinando o esporte com cultura e educação. O Olimpismo visa a criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais.” (RÚBIO, 2001, p.130)

Afirmações essas que claramente demonstram o interesse de empresas e países em atletas de alto rendimento, que sejam capazes de proporcionar um grande espetáculo. Interesse que assola cada vez mais cedo categorias esportivas infantis.

Em tais categorias a criança é tratada como um adulto em miniatura. Isso faz com que esta dimensão do esporte tenha um forte impacto social por exigir uma rede de organizações complexas, envolvendo investimentos financeiros, mesmo em se tratando de um público infantil (TUBINO, 2001).

Para Sandel (2013), selecionar um biotipo humano específico, é degradante tanto para o esporte quanto para a dignidade de quem transforma o corpo a fim de atender essas demandas. O filósofo ainda afirma que, no início, o limite entre cultivar talentos naturais e corrompê-los nem sempre é claro. E que atletas para modificar o corpo empregam dietas especiais, complexos vitamínicos, barras energéticas, suplementos, programa de treinamento rigoroso e até mesmo cirurgias.

Jarrin (2011), afirma que o aprimoramento do corpo por meio de técnicas como a cirurgia plástica, é de interesse para análise, porque é uma ciência médica que reproduz muitos dos ideais da eugenia neo-lamarckiana.

1.3 NOÇÕES EUGÊNICAS E BIOTECNOLOGIA

De acordo com Sandel (2013), o termo eugenia significa “bem nascido”, foi criado por Francis Galton, primo de Charles Darwin. Galton tinha como ambição aprimorar geneticamente a raça humana, produzindo seres altamente talentosos por meio de casamentos

critérios durante diversas gerações.

Portanto predominava naquela época a ideia de que a evolução natural do homem poderia ser acelerada e realizada de maneira mais efetiva. Para Mai e Angerami (2006), a prática eugênica ocorre desde muito antes na história da humanidade. Podemos citar como exemplo, o controle rigoroso dos nascimentos ocorridos em Esparta, onde crianças nascidas com imperfeições eram eliminadas.

De acordo com Schilling (2013), não é possível refletir sobre eugenia sem nos remeter às atrocidades ocorridas no holocausto. Quando Adolf Hitler influenciado por pensamentos eugênicos espelhados pela comunidade científica da época, impôs à Alemanha uma lei de esterilização, aplicada e forma coercitiva.

Mai e Angerami (2006), concordando com o supracitado admitem que a eugenia tenha uma conotação negativa, pois sempre que pensamos em eugenia a relegamos ao tempo da segunda guerra mundial e ao holocausto.

Contemporaneamente temos revivido o discurso da eugenia. Oliveira e Hammerschmidt (2005) tratam que o aparecimento de novas tecnologias como a manipulação e o mapeamento genético, possa apresentar um enorme potencial para as práticas eugênicas.

O que pode ser confirmado por Casagrande (2010), quando afirma que na atualidade, ainda há casos de eugenia pela eliminação de seres indesejados por novas técnicas da genética; uma dessas formas dar-se-ia pelo aborto eugênico.

Casagrande (2010 apud Junges, 1999, p.322), ratifica o iludido acima mencionando

o surgimento de termos na medicina como “imperfeição”, “incapacidade” e “incompletude”. A medicina poderia tratar tais “defeitos” e, quando não o conseguisse, poderia não permitir o nascimento do portador dessas imperfeições.

Mai e Angerami (2006), ainda revelam que existem técnicas eugênicas, como o aborto eugênico, a esterilização, a segregação e a limitação de casamentos daqueles considerados “degenerados”.

As autoras ainda afirmam que atualmente a mentalidade eugênica vem representada por esse pensamento:

Se inicialmente Galton descreveu a eugenia como o estudo dos fatores sob o controle social que poderiam melhorar ou piorar as qualidades raciais das futuras gerações, tanto física, quanto mentalmente, hoje ela pode ser definida como a procriação qualitativa ou do direito de se ter uma criança sadia. (MAI E ANGERAMI, 2006, p.255)

De acordo com Sandel (2013), a biotecnologia nos oferece novas ferramentas para a melhoria genética. Como a clonagem humana, um mercado que conte com catálogos de doadores de espermias e óvulos com informações detalhadas sobre características físicas, formação acadêmica e origens étnicas de cada um e, ainda, a possibilidade de criar e encomendar uma criança com biotipo humano específico através da engenharia genética.

Para o escritor a ideia de um mercado onde a mercadoria é o gênese humano, desperta um mal-estar moral, isso porque mostra intenções eugênicas que não foram deixadas de lado.

Um das técnicas inovadora da biotecnologia é o chamado:

DGPI (diagnóstico de pré-implantação) é uma técnica capaz de fornecer informações genéticas aos futuros pais sobre embriões de seus filhos ainda no estágio de oito células. A princípio esta técnica está à disposição de pais que têm o receio fundado de que seus filhos herdem alterações genéticas, possibilitando o diagnóstico precoce de doenças. (AYMORE, 2005, p. 2).

Tais mencionadas intenções eugênicas podem ser evidenciadas devido às novas ferramentas biotecnológicas, e também podem encontrar fundamentação moral no que Aymoré (2005), alega ser a chamada eugenia liberal.

1.4 EUGENIA LIBERAL

Para Aymoré (2005), o conceito de eugenia liberal refere-se à possibilidade de tomar decisões de forma livre sem contingências externas ou ditames do Estado, utilizando técnicas científicas para atingir algum interesse, podendo ser a aparência física ou desenvolvimento de habilidades um desses objetivos.

Sandel (2013), afirma que a eugenia liberal refere-se ao melhoramento genético que não é outorgado, portanto, diferenciando-se do eugenismo negativo que era imposto com força coercitiva e, ainda produzia um único molde de projeto centralizado de ser humano.

De acordo Amaral (2008), há uma problemática sobre o eugenismo liberal que se refere à medicina genômica poder alterar a configuração genética de nascituros que não podem decidir autonomamente sobre tais intervenções.

Essa realidade da manipulação genética de embriões pode transformar nossa constituição como seres humanos, o que enseja consequências para o fundamento normativo das relações sociais (HABERMAS, 2003: 37).

O escritor, ainda afirma que não é correta a utilização da biotecnologia para o melhoramento genético, porque prejudica a igualdade, pois destrói as relações essencialmente simétricas entre humanos livres e iguais.

O autor afirma que devemos conter os impulsos de banir as contingências indesejadas, pois um indivíduo que venha nascido de um projeto genético, não terá condições de pensar que é livre, isso porque, precisamos atribuir nossas origens “a um início que escapa do controle do homem”.

Entretanto, de acordo com Sandel (2013), há filósofos como Ronald Dworkin que afirmam:

Não há nada de errado na ambição de tornar a vida das futuras gerações de seres humanos mais longa e repleta de talentos e, portanto, de conquistas. pelo contrário, se brincar de Deus significa lutar para melhorar a nossa espécie, e trazer para nosso projeto consciente a resolução de melhorar o que Deus deliberadamente ou a natureza cegamente fizeram evoluir ao longo de éons, então o primeiro princípio do individualismo ético comanda essa luta. (SANDEL, 2013, p.88).

O pensador Robert Nozick oferece um ponto de vista similar ao propor a criação de um “supermercado genético” que permitiria que os pais comprassem filhos sob a encomenda sem impor um único projeto à sociedade como um todo. (SANDEL, 2013, p.88).

O filósofo moral John Rawls, também endossa o pensamento de ambos alegando que: Mesmo em uma sociedade que concorde em partilhar os benefícios e os fardos da loteria genética, isso ocorre “no interesse de que cada um tenha os melhores bens naturais, para permitir que persigam o plano de vida que preferirem” (SANDEL, 2013, P.89).

Contudo, Michael Sandel (2013), enfatiza que:

É papel dos pais promover o bem estar dos filhos
“sempre respeitando seu direito a um futuro em aberto”,
tais melhoramentos não se tornam somente aceitáveis,
mas obrigatórios. Da mesma forma que o governo pode exigir que os pais mandem os seus filhos para a escola,
pode exigir que eles utilizem tecnologias genéticas (desde que seguras) para aumentar o QI dos filhos.

Para Domingues (2004), a eugenia liberal pode ser evitada, impondo barreiras normativas à intervenção da ciência, na pesquisa com embriões.

O autor ainda argumenta que esse tipo de intervenção instrumental que os pais podem exercer quanto ao repertório genético de sua prole deveria ser restrito a “objetos” — uma posição com ressonâncias kantianas explícitas.

Confirmado por Jurgen Habermas (2004), quando afirma que a eugenia liberal afetaria não apenas o ilimitado poder de si mesmo, pois tal prática produziria, ao mesmo tempo, uma relação interpessoal, para qual não há nenhum caso de precedência. Com a

decisão irreversível, que uma pessoa toma sobre o genoma da outra.

As formas legais que possuímos para defender-nos de uma realidade futura como esta, são mencionadas por Oliveira, Santos, Barbosa (2012), quando afirmam que o órgão do Ministério da Ciência e da Tecnologia amparado pela (Lei n.8.974), regulamentada pelo decreto n. 1.752/95, definiu o controle das atividades e dos produtos originados pela biotecnologia moderna ou tecnologia de DNA recombinante. Estabelecendo dessa forma mecanismos de segurança e de fiscalização das técnicas de engenharia genética.

2 DISCUSSÃO DE DADOS

Essa pesquisa foi realizada com o intuito de verificar, a possibilidade, de atletas olímpicos estarem sendo utilizados como meio para que países e empresas influenciem espectadores das olimpíadas, e ainda, se tal manobra pode despertar naqueles que acompanham os jogos, um sentimento de eugenia.

Para atingir tais objetivos foi realizada uma pesquisa bibliográfica para comparar dados de diferentes autores que tratassem sobre eugenia e exploração comercial das olimpíadas.

Contemporaneamente existe uma grande exploração dos atletas pelas mídias, dada a grande influência que os patrocinadores daqueles exercem sobre estes. Os esportistas olímpicos têm sua imagem vendida, como a de heróis e acabam tornando-se alvo de projeção da população (CONTADOR; GUARNIERI; SILVA 2004).

Para Rúbio (2000), criou-se uma sistematização de testes que buscavam aferir inteligência, comportamento, personalidade

de e outros temas considerados importantes para atletas olímpicos. Tal comportamento demonstra uma ideia de seleção de um grupo de jovens “aptos” em detrimento de um grupo “não apto”.

Essa temática pode nos fazer atentar para uma hipótese essencial à pesquisa, que trata sobre a possível projeção que indivíduos podem ter com relação a esses atletas selecionados, como o desejo de possuir corpos iguais ou parecidos ao de seus ídolos. Esse pensamento nos remete a problemática da cultura eugênica, que trata da busca desses personagens a um corpo idealizado.

O aprimoramento do corpo para chegar a um resultado idealizado não pode ser indiferente à eugenia, pois expressa a vontade de se eliminar um biotipo indesejado para a construção de um biotipo único. Para tal objetivo podemos utilizar técnicas como o treinamento, dietas, suplementos e até cirurgias plásticas. (JARRIN, 2011).

Sandel (2013) e Aymoré (2005) nos mostram a possibilidade de se chegar a um corpo idealizado, ganha uma nova representação com biotecnologia, com ferramentas como a clonagem, mercados de óvulos e espermatozoides, engenharia genética e o diagnóstico de pré-implantação.

Essa nova concepção de realidade ganha relevância quando tentam tornar moralmente justificável a busca de um biotipo humano específico através da eugenia liberal.

Que é defendida por Ronald Dworkin que afirmam:

Não há nada de errado na ambição de tornar a vida das futuras gerações de seres humanos mais longa e repleta de talen-

tos e, portanto, de conquistas. pelo contrário, se brincar de Deus significa lutar para melhorar a nossa espécie, e trazer para nosso projeto consciente a resolução de melhorar o que Deus deliberadamente ou a natureza cegamente fizeram evoluir ao longo de séculos, então o primeiro princípio do individualismo ético comanda essa luta. (SANDEL, 2013, p.88).

Entretanto Habermas (2004), nos alerta para a gravidade de se alterar por meio da engenharia genética o genoma de um indivíduo que nem mesmo pode decidir de forma autônoma sobre tais intervenções.

O especialista ainda afirma que a dita manipulação genética de embriões pode alterar os fundamentos normativos das relações sociais, mudanças essas que dificilmente podem ser previstas antes que ocorram.

A eugenia liberal e seu aparato biotecnológico encontram outro adversário nos argumentos de Michael Sandel (2013), quando afirma que no início a escolha de forma livre para tornar as futuras gerações “melhores” sem interferência do Estado ou de seguir um modelo centralizado, são argumentos fortes, mas que os pais para promover o bem-estar dos filhos e dar-lhes “armas” para poderem competir dentro de uma sociedade seletiva e competitiva, deixariam de ser somente aceitáveis e passariam a ser obrigatórias.

Uma forma proposta para atenuar os efeitos que podem ser causados por tais pesquisas, se encontram previstos na lei de biossegurança da CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança) que propõe acompanhar o desenvolvimento e o progresso técnico e científico de áreas afins, objetivando segurança da população em geral (Marinho & Minayo-Gomez, 2004).

CONCLUSÃO

Através da pesquisa bibliográfica realizada podemos chegar à conclusão que os atletas são um mecanismo de *marketing* das empresas e seus respectivos países, sendo que sua valorização gera o interesse em novas biotecnologias, que podem auxiliar na escolha genética de novos atletas, criando uma forte

discussão no âmbito sobre a ótica da eugenia liberal.

Porém, é necessário mais pesquisas para responder de forma segura e clara se há projeção das grandes massas sobre a imagem dos atletas, que possa fomentar uma cultura eugênica, dessa forma fazendo com que a população adira às mudanças no genoma.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **Ética do discurso e eugenia liberal**: Jürgen Habermas e o futuro da natureza humana. *Liinc em Revista*, v. 4, n.1, p.12-27, 2008.
- AYMORÉ, D de S. R. Dignidade da Pessoa e Eugenia Liberal. **XIV Congresso Nacional do CONPEDI**. Fortaleza, 2005.
- BERNARDES, M.E; JOVANOVIC, M. **A produção de relatórios de pesquisa**: redação e normatização. Jundiaí: Editora Fontoura, 2005.
- CASAGRANDE, V. G. **Aborto Eugênico**. Criciúna: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2010.
- CONTADOR, C. C. B.; GUARNIERI, V. T.; SILVA, L. H. R. A Influência da Mídia na Representação Social do Olympian Brasileiro: uma abordagem a partir de atletas não olímpicos. **Salão de Iniciação Científica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 25 - 29.
- DIWAN, P. Eugenia: A **biologia como farsa**. Em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia_a_biologia_como_farsa.html>. Acesso em: 18 de julho 2013
- DOMINGUES, J, M. **A Biotecnologia como Eugenia Liberal**. *Revista Novos Estudos*, 2008. p 235-41.
- HABERMAS, J. **The Future of Human Nature**. Cambridge: Polity Press, 2003
- _____. **O Futuro Da Natureza Humana**, São Paulo: Martins Fontes, 2004, 160 pp.
- JARRIN, A. E. Os Novos Arquitetos da Miscigenação: o legado eugênico na cirurgia plástica brasileira. *Revista Magistro*, v.1, n.1, p. 64-74, 2011.
- MAI, L. D., ANGERAMI, E. L. S. Eugenia Negativa e Positiva: Significados e Contradições. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. v. 14, n. 2, p. 241-258, março-abril, 2006.

MARINHO, C.L.C.; MINAYO-GOMEZ, C. **Decisões conflitivas na liberação dos transgênicos no Brasil**. São Paulo. Set 2004, vol.18, no.3, p.96-102.

OLIVEIRA, A. M. XAVIER de; SANTOS, R. da S.; BARBOSA, M. S. A biotecnologia aplicada ao melhoramento genético vegetal: controvérsias e Discussões. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 10, n. 1, p. 339-361, 2012.

OLIVEIRA, J. S., HAMMERSCHMIDT, D. Genoma Humano: Eugenia e Discriminação Genética. **XIV Congresso Nacional do CONPEDI**. Fortaleza: Anais do XIV Congresso Nacional do CONPEDI, 2005. p. 176-190.

PRONI, M., W. A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**. v.3, n.9, outubro de 2008. Rio de Janeiro: UFF, 2008.

RÚBIO, K.(Org.) **Encontros e Desencontros: descobrindo a psicologia do esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000a

_____. **O Atleta e o Mito do Herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANDEL, M. J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Contra a Perfeição: Ética na era da engenharia genética**. . 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SCHERER, B. R. **A Fórmula Da Humanidade**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal De Santa Catarina, Centro De Filosofia E Ciências Humanas, Programa De Pós-Graduação Em Filosofia, Florianópolis, 2010.

SCHILLING, V. M. **A Certeza Científica da Eugenia**. Disponível em:<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/eugenia2.htm>> . Acesso em: 18 de julho 2013.

TUBINO, M.J.G. **Dimensões sociais do esporte**. 2ª edição revisada. São Paulo: Cortez, 2001.

UCHA, F. G. **A Psicologia do Esporte no Esporte de Alto Rendimento**. Bauru: Faculdades Integradas de Bauru. 2011.

VALLE, M. P. do. **Atletas De Alto Rendimento: Identidades Em Construção**. Monografia (Especialização) – Mestrado Em Psicologia Social E Da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.